

MEAD, Margaret. **Sexo e Temperamento**. 4. ed. São Paulo: Perspectivas, 2009.

RELAÇÕES SOCIAIS DE SEXO, GÊNERO E SEXUALIDADE: CONTRIBUIÇÕES DA ANTROPOLOGIA CULTURAL DE MARGARET MEAD EM PERSPECTIVA

*Cinthy Bastos Ferreira*¹
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
cinthya_bastos@yahoo.com.br

Os estudos empreendidos por Margaret Mead – notadamente em seu livro *Sexo e Temperamento* (2009), cujo olhar se direciona para os processos de aprendizagem social através dos quais a marcação de sexo se torna imperativa e balizadora de padrões de comportamento, de personalidade e de modos de subjetivação – impulsionam uma análise crítica dos parâmetros culturais da civilização ocidental hegemônica no tocante à tríade sexo, gênero e sexualidade, ao mesmo tempo que permite a apreensão de outras formas de organização social que colocam em xeque tais parâmetros pretensamente estáveis e/ou naturais.

A antropóloga, alinhada ao culturalismo estadunidense, publica a obra supracitada no ano de 1935 e, nela, se debruça sobre a análise das particularidades dos povos *Arapesh*, *Tchambuli* e *Mundugumor*, a partir da realização de um trabalho de campo em Papua-Nova Guiné. Esse processo de incursão etnográfica revelou diversas peculiaridades no que diz respeito às relações sociais entre os sexos, dada sua variabilidade de *lócus* para *lócus* – aqui, cabe mencionar que a categoria de gênero, nesse período, ainda não era mobilizada pelos estudos das Ciências Sociais, mas se presentifica e pode ser inferido ao longo do texto, em seus sentidos relativos à construção diferencial do feminino e do masculino.

¹ Mestranda em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), na linha de pesquisa Trabalho e Sociedade, com bolsa CAPES. Possui graduação em Psicologia (PUC Minas) e em Ciências Sociais (UNIFAL-MG). Desenvolve pesquisas sobre prostituição e plataformas digitais, com foco nas transformações contemporâneas do mundo do trabalho.

Revista Resenhando

Na abertura de seu livro, Mead apresenta que, entre os *Mundugumor* da Papua-Nova Guiné, os nascidos com o cordão umbilical enrolado no pescoço são diferenciados como artistas, e discute como tal fato parece ser, aos não pertencentes a essa cultura, uma associação de questões completamente desvinculadas entre si, sendo arbitrário e injustificado entender o “como se nasce” enquanto determinante de uma aptidão artística. A partir dessa colocação, a autora discute que há uma tendência em visualizar arbitrariedade nesse fato por ele ser produtor de estranhamento, mas não conseguimos ter, enquanto sujeitos vinculados a um arranjo sociocultural específico, distanciamento para perceber a arbitrariedade com que procede a nossa própria cultura.

Nesse sentido, aponta-se que o fenômeno de conferir características intrínsecas díspares ao que se convencionou denominar de homens e de mulheres, pareando genitálias a disposições comportamentais e psíquicas, é similar ao fenômeno que entrecruza o “como se nasce” com a posse de habilidades de pintar, de esculpir, entre outras. Dito de outro modo, os corpos sexuados passam a ser revestidos de discursos e permeados por práticas e expectativas sociais que encobrem a origem artificial da distinção que se firma entre homens e mulheres. Ao ocultar tal artificialidade, firmam-se e legitimam-se modos de organização social que têm como marca a cristalização de papéis diferenciais em virtude do sexo, papéis não só diferenciais em abstrato, mas hierarquicamente dispostos em sua diferença.

Somado a isso, ao revelar os referenciais distintos que guiam os diferentes povos em relação às expectativas sociais direcionadas aos sexos, Margaret Mead realiza um exercício de relativização que revela o caráter eminentemente construído e não natural e/ou definitivo da generificação do vivido. Assim, os padrões sociais de sexo são transmitidos via socialização e configuram-se como um fato social na acepção durkheimiana (2007): exterior, visto que o mundo e a cultura nos precedem; coercitivo, já que exerce uma força para a adequação dos indivíduos à norma; e geral, pois incide em todos os membros de uma comunidade. Ademais, ao se constatar que as regras e expectativas sociais baseadas no sexo se alteram a

depende do grupo, tem-se que o intercâmbio entre pessoas de grupos distintos coloca em xeque a legitimidade do próprio referencial nativo, através do tensionamento de definições conflitantes.

Nesse sentido, da vasta variabilidade de traços comportamentais e de personalidade que compõem o espectro de possibilidades do ser social, alguns elementos são selecionados e apresentados como próprios ou do sexo feminino ou do sexo masculino, o que é resultado de uma artificialidade, no sentido de que o estado das coisas não são-estão dados, mas foram engendrados a partir de classificações e categorizações que atendem a interesses ou cumprem funções específicas em um determinado momento histórico e em dado local. Portanto, ajustar-se a todos os requisitos e expectativas construídas sobre o que é ser mulher e sobre o que é ser homem se torna um desafio que nos marca a todos.

A rigidez em relação a essa dicotomia é produtora, inevitavelmente, de *outsiders*, produtora daquelas e daqueles que não cabem integralmente na norma, no ideal, e são lidos pelo prisma do desajuste. Mais do que isso, esse é um mecanismo de (auto)controle que impacta fortemente na subjetividade dos sujeitos, os quais veem seu campo de possibilidades reduzido e se deparam constantemente com a ameaça de inadequação que é geradora, por sua vez, de vergonha, medo, culpa, percepção de incapacidade de felicidade, nojo, ódio, etc., e passível de repreensão social – isso é abordado também, sob um outro viés, por Norbert Elias em *O Processo Civilizador* (2011), e também reitera o caráter construído daquilo que passa por um filtro de naturalização e perda de delineamento histórico: os modos de vida condensados em condutas, sentimentos e instituições.

As discussões fomentadas por Mead dialogam, além disso, com as pautas (plurais e em disputa) do movimento feminista e LGBTQIA+. Quanto ao movimento feminista, a autora com ele contribui ao desvelar as relações de poder que estão implicadas na associação entre sexo e modos de existir normativos, os quais envolvem personalidade, tipificação das ocupações e estética. Também se atenta às diferenças que se instauram no interior do próprio sexo quando se acresce a

consustancialidade de raça e classe²; bem como às reações fóbicas as quais as mulheres que desviam do ideal criado e inculcado despertam; ou seja, lança-se luz sobre a dinâmica subjacente à misoginia, isto é, ao ódio sistemático endereçado às mulheres.

Ao mesmo tempo, enfatiza como a inadequação às normas sexistas, ou sua subversão, é sujeita a uma leitura pendular: ora pelo viés da transexualidade, ora pelo viés da orientação sexual contra-hegemônica. No primeiro caso, a autora apresenta uma postura crítica, argumentando que é justamente a existência de normas rígidas ligadas ao binômio sexo-gênero que cria a ideia de não pertencimento ao próprio sexo-gênero. Se essas normas rígidas não existissem, as pessoas seriam apenas pessoas, em sua vastidão de possibilidades, com características próprias, em nada atreladas ao aparelho sexual e às demandas a ele vinculadas. O não enquadramento no que se espera de um dado sexo e a posterior designação de que a pessoa, por conseguinte, pertenceria a outro polo de sexo-gênero, reforçaria as normas sexistas, em vez de atingir a raiz do problema e contestar a própria norma em si.

Tal perspectiva, no entanto, não parece caminhar para um julgamento hostil em relação às pessoas trans e travestis. Não são contestadas as identidades ou o necessário reconhecimento destas, mas os fundamentos sociais que produzem seres lidos como normais ou desviantes no que tange aos regimes de poder dominantes. No segundo caso, Mead (2009) abre caminhos tanto na problematização de estereótipos, a saber, acerca da concepção de que traços de personalidade ou expressão estética estariam inevitavelmente ligadas a uma dada orientação sexual (o que leva a categorizar pessoas não homossexuais como

² Sojourner Truth, uma abolicionista e ex-escravizada, escancara a artificialidade dos padrões impostos e a interconexão dos eixos de exploração-opressão. Se alguém é mulher, é também mais do que isso e atravessada por outros marcadores sociais da diferença: “Aquele homem ali diz que as mulheres precisam ser ajudadas em carruagens, erguidas sobre valas e ter o melhor lugar em todo lugar. Ninguém me ajuda em carruagens, ou em poças de lama, ou me dá o melhor lugar! E eu não sou mulher? Olhe para mim! Olhe meu braço! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou eu uma mulher?” Disponível em: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth>. Acesso em: 5 out. 2019.

homossexuais e, ainda, a excluir e invisibilizar pessoas homossexuais que não correspondem ao estereótipo “lésbica *butch*” ou “gay afeminado”), quanto indica que as *performances* explicitamente dissidentes são as mais vulnerabilizadas ante a discriminação e a intolerância social.

Posto isso, ressalta-se que a obra *Sexo e Temperamento*, aqui brevemente aludida em seus traços considerados fundamentais, contribui ativamente para as problemáticas e as discussões que estão na ordem do dia, o que evidencia sua relevância e atualidade, intelectual e politicamente falando. Além disso, o questionamento contumaz de uma suposta continuidade ou correspondência linear entre o que hoje denomina-se de sexo, gênero e sexualidade prossegue e se desdobra em outra importante obra de Margaret Mead (2022), *Macho e Fêmea*, lançada em 1949, e que condensa um acúmulo de experiências na área da antropologia em interface aos estudos de gênero e aos processos de socialização.

Referências

DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

MEAD, Margaret. **Macho e Fêmea**: Um estudo dos sexos num mundo em transformação. São Paulo: Vozes, 2022.

MEAD, Margaret. **Sexo e Temperamento**. 4. ed. São Paulo: Perspectivas, 2009.

Recebido em: 04/10/2023

Aprovado em: 07/06/2025